

# LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA DO ENCANTAMENTO E AS INFÂNCIAS: REENCANTANDO CORPOS NEGROS

*Kiusam de Oliveira*

*(Osibàtá Produções Artísticas e Culturais-Pedagoga-Escritora)*

“Das águas quero saber não dos mortos, mas,  
dos vivos, dos mistérios, dos milagres de quem se salvou”.

(Conceição Evaristo, 2016, p. 102))

Este texto parte “dos milagres de quem se salvou”, como afirma Conceição Evaristo. Como muitas mulheres negras brasileiras eu me considero uma sobrevivente por ter enfrentado a invisibilidade imputada a mim desde a infância até a vida adulta provocada pelo racismo, num país onde a democracia racial sempre foi um engodo que participam coletivamente diversos segmentos da população brasileira. Aqui, eu me pronunciarei na primeira pessoa do tempo presente para não me distanciar da corporeidade-texto compartilhado com vocês. Aqui apontarei um enquadramento necessário como forma, neste instante de minha vida como escritora e após 30 anos como ativista do Movimento Negro Unificado (MNU), compreender o tipo de literatura que tenho elaborado ao longo destes 11 anos no campo literário. Necessário afirmar que tenho elaborado Literatura Negro-Brasileira (Cutí, 2010) com um complemento meu: do Encantamento, pois a elaboro a partir de minhas experiências que vão de dentro para fora como mulher negra que fui, mantendo a minha criança negra viva dentro de mim para além de ser uma ativista nas lutas pelos direitos humanos focada em raça e gênero, pedagoga com mais de 25 anos de experiência em sala de aula trabalhando com crianças de 4 a 6 anos. Afirmo que existe uma literatura infanto-juvenil que se quer e assume-se como negro-brasileira sendo produzida pelo menos por mim. As referências teóricas fundamentais são Cutí (2010), Miriam Alves (2010), Hédio Silva Júnior (2018), Conceição Evaristo (2016), Carlos Moore (2014), Eduardo de Assis Duarte (2007), Pablo Dávaros (2014), Kiusam de Oliveira (2008, 2018), pois me ajudam a pensar no tipo de literatura infanto-juvenil que tenho produzido através dos meus livros. Meu objetivo é colocar-me como uma guia literaturista por minhas obras procurando conduzi-los por reflexões que cruzam direitos humanos, relações étnico-raciais e a Literatura Negro-Brasileira do Encantamento focada na infância.

**Palavras-chave:** Literatura Infanto-Juvenil; Literatura Negro-Brasileira; Literatura Negro-Brasileira do Encantamento.

## **Direitos Humanos e a Infância**

De acordo com o relatório “Um Rosto Familiar: A violência nas vidas de crianças e adolescentes” (2015), realizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), ligado à Organização das Nações Unidas (ONU),

Todas as crianças e todos os adolescentes têm o direito de ser protegidos contra a violência que lhes é infligida por qualquer pessoa em sua vida – sejam pais, professores, amigos, parceiros ou desconhecidos. E todas as formas de violência vivenciadas por crianças e adolescentes, independentemente da natureza ou gravidade do ato, são prejudiciais. Além do sofrimento desnecessário e da dor que causa, a violência destrói pouco a pouco a autoestima de meninas e meninos e impede seu desenvolvimento.

Quando tal pesquisa se cruzou com os dados da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde, colocou o Brasil entre os cinco países sem conflito armado que mais assassina crianças e adolescentes do sexo masculino com idade entre 10 e 19 anos. Em 2015, para 100 mil pessoas nessa faixa etária. Índices altos na Venezuela (97), Colômbia (71), El Salvador (66) e Honduras (65). Importante destacar que no Afeganistão, a mortalidade por violência coletiva é de 49 para 100 mil pessoas de 10 a 19 anos. No Sudão do Sul esse índice é de 29. Desta forma, concluiu-se que a cada 7 minutos uma criança ou adolescente morre vítima da violência no mundo. Nos concentrando no quesito raça/cor das vítimas dos homicídios no Brasil, tivemos em 2014, 75% de crianças e jovens negros assassinados ou multirraciais para 18% brancos, sendo que 7% das vítimas não haviam raça/cor declarada. A pesquisa também aponta o bullying, a prática de atos de violência física ou psicológica contra uma pessoa na sala de aula, como significativo em termos de dados no país, pois aqui, 43% de estudantes de 11 a 12 anos disseram ter sido vítimas de bullying na escola, sendo que no México esse percentual foi de 33%, na República Dominicana (60%), Equador (44%), Panamá (44%) e Paraguai (43%).

Parece-me distante para nós pensarmos em direitos humanos tendo em vista a conjuntura atual em que nossos direitos conquistados através de muitas lutas e mortes de inocentes, estão sendo retirados de nosso país. Se pensarmos especificamente nos direitos da criança e adolescente, tal quadro se torna ainda pior. Segundo as Nações Unidas, Direitos Humanos são inerentes a todos os seres humanos, independente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, religião ou qualquer outra condição. Além disso, eles incluem o direito à vida e à liberdade de opinião e de expressão, direito ao trabalho e à educação, entre tantos outros. O Direito Internacional dos Direitos Humanos estabelece as obrigações dos governos de agirem no sentido de promover e proteger os direitos humanos e as liberdades de grupos ou indivíduos, sendo direitos universais, fundados sobre o respeito pela dignidade e o valor de cada pessoa, sendo o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) é responsável por promover a proteção dos direitos humanos e implementar os programas dentro da Organização das Nações Unidas (ONU).

A Comissão da Assembleia Geral para Assuntos Sociais, Culturais e Humanísticos analisa e inclui questões de direitos humanos e, nesse sentido, muito se avançou nas temáticas associadas às mulheres, proteção das crianças, questões indígenas, tratamento dos refugiados e na promoção das liberdades fundamentais através da eliminação do racismo e da discriminação racial e a promoção do direito à autodeterminação. Fundamental destacar aqui que a ONU estabeleceu a Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024) por conta da comunidade internacional reconhecer que os povos afrodescendentes representam grupo distinto cujos direitos humanos precisam ser promovidos e protegidos, pois cerca de 200 milhões de pessoas identificadas como afrodescendentes vivem nas Américas e muitos outros milhões vivem em outras partes do mundo, fora do continente africano.

O desenvolvimento de um trabalho pedagógico centrado na tríade direitos humanos, infância e relações étnico-raciais, se encontra dentro dos parâmetros da legalidade para ser pensada por profissionais da educação e integrada às discussões e práticas educativas no país, para além do respaldo dado pelos dispositivos legais como a Constituição Brasileira, Lei Caó, Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 (artigos 26A e 79B), a lei 10.639/03, a lei 11.645/08 e o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Segundo o advogado Hédio Silva Júnior (2018):

Com efeito, a Constituição Federal determina que a criança (e o adolescente) deve ser colocada a salvo de qualquer forma de discriminação, violência, crueldade, opressão entre outras situações que atentem contra sua integridade psíquica ou moral. (...) Inspirado na Constituição, dispõe o ECA que nenhuma criança será objeto de qualquer forma de discriminação, violência, crueldade, opressão, tratamento cruel, vexatório, constrangedor ou degradante, maus-tratos, humilhação ou ridicularização. (...) O direito ao respeito, de acordo com o ECA, consiste na preservação da integridade psíquica e moral da criança, incluindo sua identidade, valores, ideias e crenças (p. 1).

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2018) com base no Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, comprovam que:

O desempenho dos negros na escola é afetado negativamente pelo racismo difuso presente na sociedade” (...) “Uma atitude racista, mesmo que inconsciente, afeta a autoestima dos alunos e reflete-se no desempenho deles. Dentro do sistema de ensino há um aprofundamento da desigualdade.

Para as/os profissionais da educação que têm medo de desenvolver um trabalho pautado nos direitos humanos e ser processada/o pelas mães e pais dos estudantes ou perseguidas/os pela direção e coordenação pedagógica da escola, aqui está seu aparato legal. Eu costumo ter cópias guardadas em uma pasta no armário ou escaninho das escolas em que leciono, pois para além das leis que reafirmam a necessidade do trabalho educativo partindo da contemplação e formação do povo brasileiro (de acordo com o IBGE a população negra é a maioria do país) e da existência de práticas racistas nos diversos setores sociais do país, inclusive na educação, em seus diversos segmentos e áreas de ensino, mais detalhadamente, de acordo com a Lei

10.639/03, nas disciplinas de História, Literatura e Educação Artística. Não posso aqui deixar de afirmar que tendo como referência África - Berço da Humanidade -, as contribuições africanas nas diversas ciências são possíveis de serem pensadas e pesquisadas, pois são diversas. Pensar a literatura foi a minha proposta nesse texto, mas antes disso, será preciso que profissionais da educação reflitam a importância de educar para a diversidade, partindo de visões outras que as consideradas oficiais no país. Nesse sentido, será preciso um pouco mais de ousadia: pensar a infância, sem deixar de incluir às reflexões, a infância negra, pois só assim conseguiremos avançar no campo da educação. Lembrem-se que estamos falando de negros enquanto maioria nesse país, portanto, dar lugar a essa maioria no território chamado currículo deveria ser mais que natural.

### **Sobre infâncias negras por Carlos Moore**

*“Para as pessoas realmente felizes não há limites na criatividade de ‘brincar’ com a própria beleza, tornando-a mais esplendorosa” (Oswaldo Faustino, 2013)*

Aqui, irei me deter um pouco mais sobre a necessidade de compreender a existência de múltiplas infâncias para além das que simplesmente costumamos considerar nos campos da Educação Infantil e Ensino Fundamental através das elaborações das propostas curriculares nos municípios de cada estado deste nosso enorme país, nos planejamentos escolares, nos projetos político-pedagógicos e nos planos de aula. Educar para a diversidade pressupõe compreendermos a ligação existente entre Educação Infantil e Ensino fundamental, posição político-social e a concepção de infância que temos.

No que tange às infâncias das crianças que temos na educação infantil e ensino fundamental, tal concepção acaba sendo produto de livros e teorias de pesquisadores estrangeiros, porém, ampliando nosso olhar perceberemos que existem no Brasil, outros tipos de infância e podemos falar infâncias sendo elaboradas em tempos e espaços diferentes e que para atendê-las em toda a sua amplitude seria necessário caminharmos no sentido da busca por uma pedagogia nacional, brasileira e afro-ameríndia, considerando que o Brasil não foi descoberto pelos portugueses até porque os povos indígenas já viviam, eram os povos dessa terra e os negros-africanos tornaram-se maioria por conta do tráfico negreiro enquanto povos indígenas historicamente foram dizimados. Para mim, pensar uma educação brasileira contra-hegemônica e que ressalte os valores e conceitos ancestrais afro-ameríndios seria o único caminho viável e potente para o desenvolvimento e crescimento econômico com força para impedir o massacre de povos e corpos afro-ameríndios provocado pelo neoliberalismo. Isso não é novidade na América Latina. Equador e Bolívia adotaram política e economicamente falando, o Sumak Kawsay (Buen Vivir), justamente com a finalidade de combater a globalização neoliberal. O que é o Sumak Kawsay (Buen Vivir)?

Es la voz de los pueblos quechuas para el Buen Vivir. El Buen Vivir es una concepción de la vida alejada de los parámetros más caros de la modernidad y el crecimiento económico: el individualismo, la búsqueda del lucro, la relación costo-beneficio como axiomática social, la utilización de la naturaleza, la relación estratégica entre seres humanos, la mercantilización total de todas las esferas de la vida humana, la violencia inherente al egoísmo del consumidor, etc. El Buen Vivir expresa una relación diferente entre los seres humanos y con su entorno social y natural. El Buen Vivir incorpora una dimensión humana, ética y holística al relacionamiento de los seres humanos tanto con su propia historia cuanto con su naturaleza (DAVALOS, 2008, p. 149).

E por que o Sumak Kawsay (Buen Vivir) expresa uma relação diferente entre os seres humanos? O autor revela que é por apresentar marcos epistemológicos que implicam em formas outras de se perceber e estar no mundo considerando outros tempos, como por exemplo, os tempos circulares que podem coexistir com o tempo linear imposto pela modernidade. Outro aspecto importante é que considera a existência de um ser-comunitário, ou se preferir, um ser não moderno, que se concretiza na relação entre seres humanos com a natureza, onde político e econômico estão juntos numa posição relativa aos mercados e lógica de valores predominantes nas sociedades neoliberais (idem, ibidem, p. 150). Outra afirmação importante a ser destacada aqui, na íntegra, vem a seguir:

Em esse esquema básico, no hay lugar para las diferencias radicales que constituyen a la alteridad. Sin embargo, hay literalmente, miles de millones de seres humanos, alejados total y radicalmente de las figuras del consumidor y de los mercados libres y competitivos. Seres humanos diferentes a la ontología del consumidor y de la mercancía. Seres humanos cuyas coordenadas de vida se establecen desde otros marcos categoriales, normativos y éticos. Seres humanos que viven en pueblos con una memoria de relacionamiento atávica, ancestral, que nada tienen que ver con la individualidad moderna, ni con la razón liberal dominante (p. 151). Incorporar a esos pueblos a la modernidad implica un acto de violencia fundamental porque fragmenta y ser no-moderno y los integra en una lógica para la cual no están preparados y a la cual tampoco quieren ingresar. Es por ello, que las políticas de modernización del Banco Mundial, y de la cooperación internacional al desarrollo, conservan un ethos violento que las convierte en instrumentos de colonización y también de etnocidio (y a veces de genocidio). Los marcos analíticos de las teorías del desarrollo y de la economía actual, son ideologías legitimadoras y encubridoras de ese etnocidio (p. 151).

A antologia do pensamento indígena equatoriano sobre o Sumak Kawsay deu-me forças maiores para explicitar, academicamente, sobre o que tenho pensado e como tenho agido ao longo desses anos, no campo da educação. Ver os saberes indígenas como política pública nacional, implementados nos países Equador e Bolívia, só fortaleceu a minha luta e explicitação daquilo que acredito: os valores ancestrais são capazes não só de recuperar o sentido da educação como do próprio ser humano. Assim, sigo na minha busca para devolver o sentido de dignidade às diferenças, que

precisam ser vistas como a grande riqueza desse país e que a igualdade deve ser buscada dentro do respeito à diversidade.

Volto meu olhar à infância, tendo em vista outras formas culturais de ser e estar em nosso país. Para os povos indígenas, africanos a infância não tem ligação direta com as “etapas do desenvolvimento” de Piaget, por exemplo. Pensando de forma afrorreferenciada percebemos que na infância, as crianças negras que vivem suas culturas intensamente estão sempre próximas dos adultos, reproduzindo suas ações de forma muito prazerosa. Isso fica explícito ao observarmos as crianças negras em movimento no candomblé, no jongo, no congo, no tambor de crioula, na capoeira, no tambor de mina. Uma criança ligada ao lazer e às tarefas coletivas está dando continuidade às expressões socioculturais e ancestrais de seu povo, à cosmogonia de seu grupo étnico-cultural preservadas através das danças, das cantigas, das rezas, dos orikis [orações, em Iorubá], dos itans [mitos, em Iorubá] e que sustentam, em termos de tradição, todo seu povo e legado. Portanto, a infância não está condicionada a ações predeterminadas pela faixa etária à qual pertence e sim sustentada pela tradição.

Ao pensar na infância imagino crianças sendo respeitadas, consideradas como partes fundamentais desse todo bem maior previamente estabelecido, em que devem participar de uma gama variada de experiências que as coloquem frente à frente de novos desafios e situações para que sejam capazes de desenvolver suas formas de performar, de protagonizar e pretagonizar (se esse for o caso), de escolher, de opinar, de se emocionar, de chorar, de enfrentar problemas e de se solidarizar. É nessa perspectiva conceitual que haverá quem pense que tratar de preconceito, estigma, discriminação e racismo estrutural no Brasil não sejam assuntos para a infância. Mas, haverá um outro grupo de pessoas que estimulará, desde a infância, crianças a enfrentarem tais assuntos de frente, porque mesmo acreditando que a criança não seja racista, se aceita que ela é capaz de reproduzir o racismo que vê, ouve e aprende em casa, nas ruas, nas organizações que frequentam. Uma vez que o racismo é estrutural, isto é, faz parte da construção educativa nacional desde a infância, precisa ser desconstruído por pessoas com visões mais dinâmicas sobre a constituição do país, sem que emitam juízo de valor ou afirmem que as contribuições dos brancos são mais significativas que as contribuições de negros e indígenas. Para que isso deixe de acontecer, pessoas precisam saber que uma visão que desconsidera o todo nunca é uma visão democrática e sim totalitária e perversa. A diversidade precisa ser vivenciada e experimentada no seio de onde ela se processa bem como dentro dos grupos culturais como, por exemplo, escolas de samba, nos blocos afro-brasileiros e nos festivais culturais de forma geral, para que as pessoas comecem a desconstruir imaginário hegemônico e racista com relação a tudo o que vêm sobre negros e indígenas.

Afrorreferenciadamente pensando, o processo de aprendizagem se dá de corpo inteiro e não somente com o cérebro e se materializa através de recursos populares como os provérbios, as músicas, cantigas, brincadeiras, rodas: a cabeça não se coloca acima de outras partes do corpo. Penso e falo de um corpo negro vivido no presente, na modernidade, mas que não desconsidera o tempo circular a partir de princípios ancestrais africanos, corpo considerado inclusive um território sagrado, ocupado pelo espírito e onde ambos rompem tempos e espaços, devendo ser tratados

com muito respeito, ritualizado, sempre o exaltando através dos ritos de passagens e de brincadeiras.

Sendo assim, esse corpo

(...) acaba sendo por natureza um ‘corpo-resistência’ que se expressa de várias formas. O corpo precisa estar mergulhado na experiência para ganhar sentido e significado, pois aqui há uma mudança de paradigma fundamental: não se trata mais de falar do corpo, mas fazê-lo falar de várias formas, através de diversas linguagens. Esse ‘corpo-resistência’, portanto, acaba por estar conectado com a realidade vivida na coletividade, em seu entorno e, desta forma, é um corpo que está mergulhado na linguagem e nas informações. Sendo assim, precisa estar preparado para lidar com qualquer assunto que o atinja diretamente, e as questões raciais fazem parte da infância (OLIVEIRA, 2017).

No Brasil, as crianças em geral são capazes de racializar as relações, inclusive, as brincadeiras com crianças negras, estabelecendo para elas colocações de subalternidade predeterminadas como bandidos, empregadas domésticas, monstros, etc. Vou aqui pensar a infância negra a partir de Carlos Moore (2015) que faz o prefácio do livro *O mar que banha a Ilha de Goré*

Moore (2015) afirma:

Nada é mais importante para uma criança que um conto que a insira no mundo dos humanos, dos animais e das coisas. Essa inserção faz-se por meio do apelo à sua imaginação. Como sabemos, sua faculdade de sonhar está sempre desperta. As crianças negras não são exceção a essa regra, exceto pelo fato de que seus sonhos são perturbados por pesadelos recorrentes, agressivos e demolidores: a realidade ambiente, que as agride, as rechaça e as apaga no mundo real pelo viés de insultos, risos sarcásticos e até agressões físicas por parte daqueles com os quais deveriam compartilhar um imaginário prazeroso – seus pares, ou ainda, daqueles que deveriam ser os substitutos de seus pais, os professores (p. 6).

Aqui, o autor trata diretamente da solidão da criança negra inclusive na educação brasileira que, na maioria das vezes, encontra-se solitária em território hostil que é a escola, espaço de reprodução de invisibilidades, conflitos, silêncios e tensões que ocorrem na sociedade como um todo por conta do racismo. Profissionais da educação têm uma dificuldade histórica em perceber o racismo no espaço escolar, e talvez isso aconteça pela fato de se sentirem no papel de professor seus achismos e não de educar a partir de conhecimentos científicos que consideram diversas realidades socioculturais a fim de compreenderem os apelos dos estudantes negros quando recorrem a estes profissionais pedindo ajuda para o combate ao racismo e outros tipos de agressões que ocorrem no espaço escolar por conta da cor da pele. Um dos privilégios que o branco tem nesse país fingir-se desentendido ou cego no que tange à violência racial.

Minha grande questão de vida – pessoal e profissional - tem sido feita através de uma grande pergunta:

*De que forma uma criança negra pode encontrar significado positivo na vida se não consegue se ver como personagem central, sequer no universo literário, no reino da imaginação de que Carlos Moore nos fala?*

Nesse sentido, caminho junto da concepção de infância que traz referências africanas e alçam o corpo à categoria de território sagrado, como na cultura iorubá. É por meio do resgate da ancestralidade africana em minhas histórias que busco tecer a teia de reconexão das crianças e jovens negros com a autoestima ancestral para que se respeitem e respeitem, sobretudo, as tradições culturais africana e afrobrasileira, afinal, a Ancestralidade é capaz de provocar as suturas psíquicas necessárias para que suas identidades negras, fragmentadas pelas vivências racistas, sejam reconstruídas de forma saudável (OLIVEIRA, 2000, 2008).

Moore (2015, p. 6) afirma ser necessário “...elevar a autoestima de crianças negras brasileiras, demolidas no dia a dia, inclusive no espaço escolar”. O racismo provoca a demolição das identidades negras logo na infância, afinal, não é fácil se afirmar negro diante grupos que tentam, violentamente nos deslegitimar nos invisibilizando “Essas crianças – que não vêem seus rostos, seus cabelos ou sua cor refletidos com carinho em nenhum lugar do imaginário de um país que as nega e as rejeita...” (idem, ibidem).

Penso numa infância em que as crianças são consideradas partes fundamentais de um todo bem maior que elas, já preestabelecido ancestralmente e onde devem participar de uma gama variada de experiências que as colocam frente à frente com novos desafios e situações para que sejam capazes de desenvolver suas capacidades de protagonizar, de escolher, de opinar, de se emocionar, de enfrentar problemas e de se solidarizar. Tais momentos, devem ser articulados, conscientemente, por mais velhos sábios a fim de que garantam e promovam momentos salutares para o conviver com partilha e respeito. Faustino (2013, p. 41) afirma “Para as pessoas realmente felizes não há limites na criatividade de “brincar” com a própria beleza, tornando-a ainda mais esplendorosa”, reforçando o valor do mais velho atuar como um espelho que reflete imagem positiva e feliz de si mesmo, como modelo.

É nessa perspectiva conceitual que haverá quem pense que tratar de assuntos como preconceito, estigma, discriminação e racismo estrutural no Brasil não são assuntos para a infância, inclusive acrescentando que nenhuma criança é racista. Haverá um outro grupo de pessoas que estimulará as crianças a enfrentarem tais assuntos de frente, porque mesmo acreditando que a criança não seja racista, se aceita que ela é capaz de reproduzir o racismo e deste grupo sou, no campo literário (2009) a precursora em assumir tal perspectiva, no nível do consciente, em meus textos, livros já publicados.

A diversidade precisa ser vivenciada e experimentada onde ela se processa, por meio dos grupos culturais como, por exemplo, nas escolas de samba, nos blocos afro-brasileiros e nos festivais culturais. Afrorreferenciadamente pensando, o processo de aprendizagem se dá do lúdico, do brincar com o corpo inteiro e não somente com o cérebro: a ideia da primazia do pensamento em detrimento dos movimentos das outras partes do corpo está fora de questão. Falo de um corpo vivido no presente, a partir de princípios ancestrais africanos e negro-brasileiros:



princípios ancestrais como o corpo considerado um território sagrado, ocupado pelo espírito e onde ambos rompem tempo e espaço; negro-brasileiro como diferente do termo afro-brasileiro, pois relacionado às tensões no Brasil, existentes em um negro assumir-se como tal – questão política – que refletirá em toda a sua vida, inclusive no campo profissional. Sendo assim, acaba sendo por natureza um “corpo-resistência” (OLIVEIRA, 2000) que se expressa politicamente de várias formas. O corpo precisa estar mergulhado na experiência para ganhar sentido e significado: aqui, não se trata mais de falar do corpo, mas de fazê-lo falar de várias formas, através de diversas linguagens. Esse *corpo-resistência*, portanto, está conectado com a realidade vivida na coletividade, considerada em sua atemporalidade para além do próprio entorno onde as relações se dão no aqui e agora: corpo mergulhado na linguagem e nas informações, inclusive, no legado ancestral. Sendo assim, este corpo precisa estar preparado para lidar com qualquer assunto que o atinja diretamente, e as questões raciais fazem parte das infâncias brasileiras.

No Brasil, as crianças no momento do brincar imputam a subalternidade aos corpos negros infantis, predeterminando espaços estereotipados, tal e qual adultos fazem como bandidos, empregadas domésticas, monstros, etc. e a literatura brasileira focada neste público infantil tem reproduzido os mesmo estereótipos sem que escritores renomados se atentem para o impacto dessa escrita carregada de estereótipos pode causar na vida das crianças negras brasileiras.

Penso na literatura como possível território de ludicidade e encantos, a depender do texto, da ilustração, de quem escreve o texto e para qual público o autor/a está escrevendo.

### **Literatura Negro-Brasileira e Literatura Negro-Brasileira do Encantamento**

Para Cuti (2010) literatura afro-brasileira não tem o mesmo sentido que literatura afro-brasileira tampouco literatura negra. Para o autor, o uso do termo *afro* no Brasil induz a um “discreto retorno à África” (p. 36), contudo “a literatura africana não combate o racismo brasileiro” (idem, ibidem, p. 36). No Brasil, o uso dos termos afro-brasileiro ou afro-descendente se popularizou, contudo posicionar-se como negro tem sido mais difícil. Sendo assim, “a palavra negro nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão ‘afro-brasileiro’ lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas 54 nações” (p. 40).

Como conheço Cuti, fiquei curiosa para compreender seu conceito de literatura negro-brasileira e o procurei nas redes sociais e combinamos uma reunião na FLIP/2018, afinal fazíamos parte da programação. No evento, ele me presenteou com o livro e entendi como o conceito que eu vinha usando - Literatura Negra do Encantamento estava próximo ao dele em termos de minhas crenças e pautas. Ao ler seu livro, compreendi que Cuti seria minha fundamentação teórica para o que agora, vislumbrava poder dizer que estava fazendo Literatura Negro-Brasileira do Encantamento e refletindo se é possível pensar em Literatura Negra-Brasileira do Encantamento quando feita por mulheres negras, que falam de dentro das questões focadas nos temas negros.

A mordaza em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por sucessivas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder. A literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênitas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado (idem, *ibidem*, p. 13), afinal “(...) A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil” (idem, *ibidem*, p. 44).

Cuti (2010) por fim afirma que

O objetivo da ideologia racista é minimizar a sua própria ação corrosiva, o que a literatura produzida majoritariamente pela descendência africana no Brasil há um arcabouço de preocupações relativas à identidade nacional. Entretanto, para se chegar ao âmago de tal identidade é preciso não desprezar os obstáculos à expressão “negro”, dentre os quais a censura e sua consequência mais cruel: a autocensura (p.46).

Assim, modifico aqui a forma com a qual tratava a literatura infantil e juvenil que eu estava elaborando como Literatura Negra do Encantamento, passando a utilizar o termo Literatura Negro-Brasileira do Encantamento, e reflito ainda na possibilidade do uso de Literatura Negra-Brasileira do Encantamento, no feminino, uma vez que meu foco é fortalecer as identidades das crianças e jovens negras através do encantamento na escrita literária, pensando que há uma forma de construir tal texto elaborado como num bordado, por mulheres negras que como eu partem de realidades vividas e sentidas por esses públicos e que cruzam questões de raça e gênero sem desassociá-las, promovendo sobremaneira o combate ao racismo e sexismo ao mesmo tempo, instrumentalizando crianças e jovens negros para que se fortaleçam nas elaborações psíquico-estruturais e práticas. Reconheço eu tenho atuado com compromisso nas questões de raça e gênero, o que faz grande diferença no íntimo das meninas negras.

A Literatura Negro-Brasileira proposta por Cuti (2010), toma como referência a auto-identificação nada fácil do termo negro, num país extremamente racista como é o nosso. Uma literatura escrita por negros e negras com consciência racial e vivenciam de perto as questões que envolvem o ser negro em uma sociedade racista. A literatura que proponho Negro-Brasileira do Encantamento está ligada às infâncias, às crianças que precisam se encantar pelos próprios corpos negros apesar de se sociabilizarem em contextos violentos e racistas. Acredito que uma história bem narrada a partir de personagens que retratem histórias reais vivenciadas nos cotidianos infantis de todas as crianças, negras e não-negras – são fundamentais para a elevação da autoestima e promoção do bem-estar físico, mental, psíquico e espiritual de todas as crianças. Também, característico dessa literatura fornecer referenciais instrumentais e simbólicos para que as crianças negras consigam combater o racismo, fundamentações que só quem é negro pode ser capaz de compartilhar.

Registro aqui, ainda, que estudo a possibilidade de ampliar o uso deste conceito cunhado por Cuti para Literatura Negra-Brasileira do Encantamento, sendo aquela escrita por mulheres negras que como eu, conscientes das questões que envolvem o racismo brasileiro e que elaboram, portanto, seus textos a partir de realidades vividas

desde dentro, com o objetivo explícito de instrumentalizar e fortalecer as crianças negras em termos de repertórios e forças para que combatam o racismo e se empoderem desde pequenas, sem desconsiderar o cruzamento necessário entre as categorias de raça e gênero na construção dos textos literários nos campos da literatura infanto-juvenil, considerando um corpo à corpo com os ilustradores/as das editoras, garantindo assim, inclusive, no contrato celebrado entre as partes, envolvimento e participação ativos. É inadmissível termos ainda hoje imagens caricaturadas representando crianças negras.

### **Deixando-se afetar por outra sensibilidade**

Ao reconhecermos tudo isso nossos corpos deixam de ocupar zonas de conforto porque eles gritam por novas aprendizagens, novas práticas. Sendo assim, por que não conhecer epistemologias negras pautadas em valores comunitários em vez de individuais? Por que não pesquisar sobre formas afrorreferenciadas de se ensinar a matemática, as ciências, a oralidade, a corporeidade? Por que não considerar os saberes transmitidos a partir de mitos africanos? Por que não compreender a capoeira como um lugar de pertencimento onde os valores civilizatórios afro-brasileiros dão piruetas no ar? Por que não considerar o corpo dentro da visão iorubá - sagrado - para que o respeito a qualquer corpo seja uma constante? Por que não estabelecer um “pacto de amarração” (OLIVEIRA, 2008) entre educadora-estudante para que aquele se responsabilize integralmente pelo desenvolvimento pleno, digno e não-violento de seu estudante? Aqui, politicamente será ressignificado o termo “amarrado” dito pejorativamente por neopentecostais, como forma propositiva de atuação de todo e qualquer profissional da educação, que deverá sentir-se de fato amarrado ao compromisso e educar seu grupo de estudantes dentro de princípios positivos de estar em comunidade, respeitando a diversidade, compartilhando experiências e respeitando os conhecimentos deixados por aqueles e aquelas que estiveram no planeta muito antes de nós, os ancestrais. Agora pense em tudo nisso, enquanto potência e combustível para a Literatura Negro-Brasileira do Encantamento. Nesse sentido, trabalharei uma prática afrorreferenciada dentro da Pedagogia da Ancestralidade que tenho visto de perto, onde tal literatura acima citada tem assento privilegiado, dentro do método da *intencionalidade para o empoderamento da criança negra*. No momento trarei o mito de Ajê Xalugá uma ancestral divinizada africana responsável por uma parte do mar. Tal mito se encontra no meu livro *Omo-Oba: Histórias de Princesas* (Mazza Edições, 2008).

### **Resumo do Mito**

Ajê Xalugá, irmã caçula de Iemanjá e Olocum, tinha a responsabilidade de cuidar de uma parte do oceano. Ela era considerada uma menina muito feia e ninguém a queria em suas casas e por isso ela vagava sozinha. Um dia, Ifá, que era muito pobre, abriu a porta de sua casa e lá estava ela pedindo guarida. Ele a havia ajudado. Ela sentiu vontade de vomitar e ao fazê-lo o fez colocando para fora inúmeras pedras preciosas. Quando a imensidão do mar foi criado, uma parte dele lhe foi dada. Muito nova, adorava vestir as roupas e penduricalhos de suas irmãs. Seu poder? Era se transformar em espuma e emitir o seu brilho que ela fazia questão de deixá-lo mais radiante, mesmo sendo proibida de fazer isso pelas suas irmãs. Mas o que fazer, pensava ela, se tinha esse poder ela o usaria de forma intensa sem se importar para as pessoas que estavam à beira-mar quase se cegando com tanto brilho. Um dia, Olocum viu a desobediência de Ajê e lhe disse que tudo o que fazemos aos outros se volta para nós mesmos. A pequena princesa não se importou com o conselho de sua irmã. Um dia, quando as irmãs saíram, ela se preparou com um brilho mais intenso que nunca e todas as pessoas à beira-mar

ficaram sem enxergar por um bom tempo. Mas, ao mesmo tempo em que eles se cegaram, ela também deixou de enxergar. Seu corpinho boiando sobre as águas do mar foi encontrado por Iemanjá que a levou ao fundo do mar para tratar de sua cegueira. O tempo passou e a princesinha não voltou a enxergar, mas encontrou estímulos para reaprender a fazer o que mais amava, agora com os olhos fechados. Ajudada por suas irmãs, ela preparou a onda mais linda e maior que ela podia montar e de lá desceu feliz com suas irmãs segurando as suas mãos só por um tempinho, até que as soltaram. Aí, Ajê fez tudo sozinha: sem enxergar foi fazendo sua onda se deslizar lindamente, se transformou na espuma mais fofa e brilhou na medida certa para não ofuscar mais o brilho de ninguém!

## **Campos de Axé (Força) do Texto**

### ***Análise Afrorreferenciada***

- 1- Não ser arrogante;
- 2- Não querer brilhar (se aparecer) mais que os outros;
- 3- Enxergar é tão somente uma condição que pode se modificar a qualquer hora;
- 4- Ainda que se perca a visão, a vida pode continuar ativa, basta o desejo de reaprender a viver na nova condição, isto é, adaptação;
- 5- Guardar dinheiro/jóias é necessário;
- 6- Quem guarda dinheiro fica rico;
- 7- Riqueza pode vir e ir;
- 8- Com amor e amizade conseguimos nos reerguer das dores mais profundas;
- 9- Aprender a se acalmar mediante situações difíceis;
- 10- A vida se dá em ciclos, na circularidade onde o que se faz aqui, voltará para nós.

## **O que tudo isso tem a ver com infância e racismo?**

Para as crianças brancas é fundamental ter em mente os sentidos da arrogância e do querer se aparecer mais que os outros crendo na sua beleza física e características que desde cedo aprende que são valorizadas tipo olhos claros, nariz afilado, corpo esbelto, cabelos lisos entre tantos outros atributos. Para estas, ter a certeza de que a boa sorte pode se modificar é essencial. Para as crianças não-brancas a esperança de que ela não pode modificar a cor de sua pele, mas pode modificar sua condição humana da miséria para a riqueza é fundamental, além da necessidade de tratarmos com os estudantes a educação financeira, pois ganhar dinheiro é bom, economizar se faz necessário, investir também. O conhecimento de que ter calma se faz necessário para construir uma caminhada cautelosa e duradoura é presente primordial as crianças e jovens das quais estamos tratando aqui nesse texto, afinal, a vida é circular, ela vira e na roda gigante uma hora estamos a girar na parte de baixo e em outros momentos, em cima, no topo. Mas também a ideia de combater o racismo e se fortalecer no combate desde a infância é algo estratégico e fundamental às crianças e jovens negras e negros, tendo em vista o racismo feroz existente nesse país aliado ao

extermínio da juventude negra, real e concreto. Para as crianças e jovens negras e negros, fundamental entender que é preciso não estar só, pois o amor e as amizades verdadeiras têm o poder de tirá-las de qualquer tristeza e situação difícil porque para tudo há uma solução dentro de uma vida comunitária e cooperativa. A Pedagogia da Ancestralidade pautada na *intencionalidade para o empoderamento das meninas e mulheres negras* salva vidas. E que a magia seja feita: que os corpos negros se encantem!!! Viva a Literatura Negro-Brasileira do Encantamento para crianças e jovens!

### Referências Bibliográficas

ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DÁVALOS, Pablo. Reflexiones sobre el Sumak Kawsay (el Buen Vivir) y las teorías del desarrollo. In.: *Antología del Pensamiento Indigenista Ecuatoriano sobre Sumak Kawsay*. Editores: Antonio Luis Hidalgo Capitán, Alejandro Guillén García, Nancy Deleg Guazha. España. Universidades de Huelva y Cuenca, 2014.

DUARTE, Eduardo Assis de. Entrevista concedida a Kiusam Regina de Oliveira via whatsapp. Vitória, 25 de julho de 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no corpo desse texto]. G1-O Globo. Brasil tem a 5ª pior taxa de homicídios de crianças e adolescentes. G1.globo.com. Brasil. [Acessado online em 24/07/2018].

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FAUSTINO, Oswaldo. Ser bela e ser feliz. In.: OLIVEIRA, Kiusam de. *O mundo no black power de Tayó*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

INEP. Resultados preliminares do SAEB 2017 já podem ser acessados pelos diretores das escolas. [http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/saeb/news03\\_08\\_imp.htm](http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/saeb/news03_08_imp.htm). Acessado dia 23/07/2010, às 15:15 hs.

MOORE, Carlos. Prefácio. In.: OLIVEIRA, Kiusam de. *O mar que banha a Ilha de Goré*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2014.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. *Candomblé de Ketu e Educação: Estratégias para o empoderamento da mulher negra*. (Tese) de Doutorado. Universidade de São Paulo. Departamento de Educação, Cultura e Organização. São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. *Omo-Oba: Histórias de Princesas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

\_\_\_\_\_. *O mundo no black power de Tayó*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida por Kiusam de Oliveira à jornalista Camilla Hoshiro “A criança é capaz de reproduzir o racismo que vê”, 2017 [acessada em 01 de agosto de 2018].

. Ewá e seus segredos líquidos: combate ao racismo nas infâncias negras. In.: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAÚJO, Leonor Franco de; ENOQUE, Alessandro Gomes. Meu povo de fé: olhares sobre a religiosidade popular no Brasil. Ituiutaba,

2018.

SILVA, Hédio. Petição ao MEC. Enviada no dia 26 de junho de 2018.

UNICEF. Um rosto familiar: a violência na vida de crianças e adolescentes. [Acessado online em

01 de agosto de 2018 e 17 de agosto de 2018].